



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Formação de Professores no ensino de Ciências e Matemática

Sinop, v. 8, n. 1 (21. ed.), p. 42-53, jan./jul. 2017

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

## O MULTILETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO<sup>1</sup>

Ana Paula Rocha

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

### RESUMO

O desdobramento das tecnologias tem acarretado transformações na sociedade atual e, desta forma, uma evolução e uma mudança nas formas de conhecer e se relacionar na sociedade contemporânea. Este estudo analisa as questões que envolvem o Multiletramento em escolas públicas periféricas e centrais do Município de Sinop. Tem por base teórica a revisão da literatura científica dos autores Roxane Rojo e Eduardo Moura, Emília Ferreiro e Ana Teberosky, Paulo Freire e Magda Soares. Para isso, realizou-se observações no campo escolar e aplicação de questionários. Como resultado percebe-se a carência de informações sobre o referido tema, o que acarreta práticas pedagógicas obsoletas.

**Palavras-chave:** Multiletramentos. Novas tecnologias. Alfabetização.

### 1 INTRODUÇÃO

A ideia de uma educação para a mídia, foi a de proteger as crianças contra os efeitos “prejudiciais” dos meios de comunicação, como forma de preservar a leitura e os meios impressos. Hoje, porém, com o acesso fácil a tecnologia e a diferentes maneiras de comunicação, observa-se a necessidade da inovação das práticas pedagógicas.

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **MULTILETRAMENTO: um estudo das concepções e práticas de professores alfabetizadores**, sob a orientação da professora Dra. Sandra Luzia Wrobel Straub, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, 2016/2.

Não se pode ver a prática da leitura de maneira isolada e pensar que ela será incentivada apenas com livros e textos impressos. O aluno hoje vive imerso em uma realidade comunicacional multimodal, tomada em sua maioria pelos meios digitais e audiovisuais. Se existe o propósito de promover a alfabetização e letramento desse aluno, há que se trabalhar com o multiletramento. Para enfrentar o desafio das novas tecnologias, é necessário pensar em novos letramentos, que, entretanto, incluem todos os tipos de mídia, inclusive o “velho” jornal impresso. Hoje, é necessário ir além de alfabetizar, o aluno tem que estar preparado para deparar-se com qualquer tipo de mensagem e saber dar tratamento e interpretação adequados a cada uma.

Diante dessa necessidade, o presente estudo teve como propósito observar no âmbito escolar as questões que envolvem os Multiletramentos no que se refere às práticas e as concepções dos professores alfabetizadores. Para a realização da pesquisa optou-se pela abordagem de cunho qualitativa, com aplicação de questionário e observação, por meio de pesquisa bibliográfica, contextualizando acerca dos multiletramentos na escola e os processos de alfabetização.

A coleta de dados foi feita, através de observações e aplicação de questionário, com pesquisa bibliográfica, em seu contexto atual acerca dos multiletramentos na escola e processos de alfabetização.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 ALFABETIZAÇÃO**

Porque alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos e sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo que é importante aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele. (SOARES, 2003, p. 90).

Inicialmente, poderíamos dizer em uma simples conceituação que alfabetizar corresponde o ato de ensinar a ler e a escrever. Por muito tempo foi considerado assim, como o ensino das habilidades de “codificação” e “decodificação”, mediante a

criação de dois principais métodos: sintético e analítico. O primeiro, segundo Mortatti (2006), parte do nome das letras e da silabação, assim iniciava-se o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes, ou das famílias silábicas, sempre em ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras ou sons e, por último, ensinava-se frases isoladas ou agrupadas. O segundo método, o analítico, conforme a autora, deveria ser iniciado pelo “todo”, para posteriormente realizar a análise de suas partes constitutivas. No entanto, o modo de aplicação do método foi diversificando, conforme seus defensores considerava o “todo”. Esses dois métodos, por um período de tempo, padronizaram a aprendizagem da leitura e da escrita.

No entanto, alfabetizar não se resume em apenas isso. Segundo Soares (2003), o que poderíamos chamar de acesso ao mundo da escrita – num sentido amplo – é o processo de um indivíduo entrar nesse mundo, e isso se faz basicamente por duas vias: uma, através do aprendizado de uma “técnica”. Chama a escrita de técnica, pois aprender a ler e a escrever envolve relacionar sons com letras, fonemas com grafemas, para codificar ou para decodificar.

Envolve, também, aprender a segurar um lápis, aprender que se escreve de cima para baixo e da esquerda para a direita; enfim, envolve uma série de aspectos que se chama de técnicos. A outra via, segundo a autora, consiste em desenvolver as práticas de uso, ou seja, aprender a técnica e saber usá-la. Soares (2003, p. 1) exemplifica, “podemos perfeitamente aprender para que serve cada botão de um forno de micro-ondas, mas ficar sem saber usá-lo.”

Na visão de Freire (2002), o termo alfabetização está associado à leitura de mundo, já que a expressão de linguagem a língua e a realidade contextual estão entrelaçadas, pois a compreensão do texto demanda a percepção das relações existentes entre o escrito e o contexto. Sendo assim, é possível compreender porque apenas a habilidade de codificar e decodificar não são suficientes para atender a complexidade do conceito de alfabetizado.

Para Ferreiro (1999), muitos professores ainda definem erroneamente o processo de alfabetização como sinônimo de uma técnica. Porém, para a mesma, a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na

maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária.

Segundo a autora (1999, p. 23):

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita.

A autora ainda defende que, se compreendermos que qualquer informação tem que ser assimilada, e, portanto, transformada para ser operante, então teríamos que aceitar também que os métodos (como sequência de passos ordenados para chegar a um fim), não oferecem mais do que sugestões, incitações, práticas de rituais ou conjunto de proibições. O método, segundo a autora, não cria conhecimento. O que seria correto, na concepção de Ferreiro (2000, p. 30), é interrogar-se, “através de que tipo de prática a criança é introduzida na linguagem escrita, e como se apresenta esse objeto no contexto escolar”.

## 2.2 LETRAMENTO

Quando se ensina uma criança, um jovem ou um adulto a ler e a escrever, esse aprendiz está conhecendo as práticas de letramento da sociedade; está em processo de letramento. (KLEIMAN, 2005, p. 05).

Letramento é um conceito que se refere ao uso da língua escrita em todos os lugares, pois a mesma compõe a paisagem das cidades como: pontos de ônibus, bancas, mercados, faixas, *outdoor*, rodoviária, aeroporto, comércio e inúmeros outros lugares, sejam eles grandes ou pequenos, a escrita faz parte de praticamente todo o cotidiano da maioria das pessoas.

Letrar consiste na ação de ensinar a ler e escrever, capacitando o aluno para usar as habilidades sociais e contemporâneas para escrever e ler vários tipos de textos e interpretá-los. De acordo com Kleiman (2005) determinar o que é letramento significativo parte da bagagem cultural dos alunos, que, antes de entrarem na escola, já são participantes de muitas atividades do cotidiano, adequadas ao ato de ler e escrever.

O letramento compreende tanto a codificação do código quanto esse aspecto de convívio e hábito de utilização da leitura e escrita. É importante destacar que letramento não é um método e o mesmo inicia-se muito antes da alfabetização. É preciso ser capaz de não apenas decodificar e codificar sons e letras, mas entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos. Para autora, o letramento também significa compreender o sentido, numa determinada situação, de um texto ou qualquer outro produto cultural escrito, e ainda, independente de qual seja o método de ensino da língua escrita, ele é eficiente na medida em que permite ao aprendiz construir o conhecimento necessário para agir em uma situação específica.

Assim, o letramento se distingue da alfabetização, pois pressupõe que o indivíduo saiba responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente, ou seja, para uma prática social, não se restringindo à aquisição da língua. Todavia, o indivíduo pode ser alfabetizado, saber ler e escrever, mas não exercer práticas de leitura, não sendo capaz de interpretar um texto, como afirma Soares (2002, p. 40):

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Isso nos faz refletir até que ponto a prática docente dos professores tem contribuído para o exercício da cidadania dos alunos e até que ponto a leitura oferecida pela escola faz parte do mundo deles, para que a teoria, da palavra, saia do papel e sirva como instrumento de luta para a assunção plena da cidadania.

O que se nota é que muitas pessoas se alfabetizam, conseguem ler e escrever, mas não necessariamente incorporaram a prática da leitura e da escrita para envolver-se com as práticas sociais, como por exemplo saber redigir um ofício, ler jornais ou conseguir encontrar informações em um catálogo. Se ler é, para Freire (1992), uma forma de estar no mundo, a linguagem da escola deve favorecer essa viagem. Segundo o autor, desde que nascemos já estamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Aprendemos a ler as nuvens do céu sinalizando chuva, o

sorriso de um amigo que nos oferece ajuda, o olhar de um conhecido que insinua algo, a casca das frutas que indicam se estão maduras ou não. E a leitura da palavra não se torna exclusiva em si mesma, é outra forma de leitura. Por ser mais complexa, exige o outro, pois ninguém aprende sozinho.

Nessa perspectiva, as práticas de letramento estarão mergulhadas no emaranhado de relações nas quais o aluno está inserido, fazendo parte do seu contexto social vivido e pressupondo uma visão sobre o que é linguagem verbal.

### 2.3 MULTILETRAMENTOS

Percebemos com as novas tecnologias que é necessário ir além dos letramentos, pois nesse contexto hipermidiático dos textos, os multiletramentos evidenciam a necessidade de novas ferramentas e de novas práticas pedagógicas no contexto escolar, conforme defenderam Rojo e Moura (2012, p. 21),

São necessárias novas ferramentas – além das da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e impressa (tipografia, imprensa) – de áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação. São requeridas novas práticas: (a) de produção, nessas e em outras, cada vez mais novas ferramentas; (b) de análise crítica como receptor.

Os autores ainda apontam algumas características dos multiletramentos e dos novos hiper (textos) consideradas importantes, por proporcionarem a interação em vários níveis do usuário (leitor/produtor) com vários interlocutores (interface, ferramentas, outros usuários, textos/discursos). Rojo e Moura (2012, p. 23) destacam que os multiletramentos:

(a) Eles são interativos, mais que isso, colaborativos; (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos) [...]; (c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Essa “(multi) interação” proporciona uma mudança na condição do usuário, que passa de mero consumidor dos produtos culturais para produtor colaborativo. Os autores ponderam, portanto, sobre o efeito dessas transformações nas práticas escolares de ensino-aprendizagem na área das linguagens, argumentando que a escola, antes de pensar em disciplinar o uso das TICs, precisa pensar em como tais

usos, já bastante frequentes pelos alunos, podem se relacionar às práticas institucionais de ensino-aprendizagem.

O que se evidencia, dessa forma, a partir da argumentação, é a necessidade de ir além da prática de ensinar a usar um recurso (uma ferramenta, como editor de texto, de vídeo ou de imagem), nos moldes de uma aula de informática. O trabalho da escola sobre essas práticas, que os autores chamaram de “alfabetismos necessários às práticas de -multiletramentos”, para serem profícuos, precisam se direcionar (2012, p. 29) “para as possibilidades práticas de que os alunos se transformem em criadores de sentidos”.

Dessa forma, há uma necessidade de discutir sobre como a utilização de recursos da TIC e o desenvolvimento de habilidades de escrita em contextos digitais podem contribuir para a melhoria da capacidade leitora e escritora dos alunos, dando ênfase ao trabalho com a escrita de textos.

Moran (2000) relata que o processo de ensinar e aprender estão sendo desafiados como nunca antes. Há informações demais, múltiplas fontes, visões diferentes de mundo. Educar hoje é mais complexo porque a sociedade também é mais complexa e também o são as competências necessárias. Precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena para aprender, juntos ou separados.

A pedagogia dos multiletramentos exige e incentiva alunos críticos e autônomos. Em vez de se discriminar o uso da internet e dos celulares e suas câmeras na escola, esses instrumentos deveriam ser incentivados como recursos para a interação e comunicação entre os alunos e professores, para realização de trabalhos com imagens e pesquisas na internet. O aluno não é mais objeto de estudo, para Freire (2002), não devendo, por isso, ser um depósito onde inserimos nossos conhecimentos; para os multiletramentos, o aluno passa a ser sujeito de sua aprendizagem, transformando-se em criadores de sentido.

Segundo Valente (2002), a introdução das TICs em sala de aula é uma alternativa que os professores podem utilizar para auxiliar no processo de alfabetização, ensino-aprendizagem dos alunos, porém, só se notará a importância dessas tecnologias, se as mesmas forem associadas a soluções de problemas do cotidiano, propiciando aos alunos reconhecerem sua função.

Os recursos tecnológicos na alfabetização possibilitam novos meios e vantagens para os professores apresentarem os conteúdos aos alunos e dinamizar suas aulas; uso de audiovisuais, *PowerPoint*, televisão, vídeo e *softwares* educativos, permitem ilustrar melhor as atividades, proporcionando melhor visualização, podem conter imagens, sons e outros artefatos que auxiliam no desenvolvimento de uma proposta pedagógica mais eficiente, para uma aprendizagem mais significativa. Nesse sentido, Valente (2002, p. 3) pondera que:

Quando o aluno usa o computador para construir o seu conhecimento, o computador passa a ser uma máquina pra ser ensinada, propiciando condições para o aluno descrever a resolução de problemas, usando linguagens de programação, refletir sobre os resultados obtidos e depurar suas ideias por intermédio da busca de novos conteúdos e novas estratégias.

Nesse caso é preciso proporcionar situações desafiadoras e ambientes de aprendizado que levem o aluno a buscar o conhecimento: procurando, lendo, perguntando, descobrindo e convivendo com incertezas e dificuldades.

### **3 MULTILETRAMENTO E A ESCOLA**

O ensino, em todos os níveis, precisa olhar para as atividades realizadas pelos sujeitos tanto dentro como fora da escola, a fim de possibilitar-lhes melhores usos da linguagem, pelos textos orais e escritos que circulam em seu cotidiano. Disso emerge a preocupação com o ensino da leitura e escrita.

As crianças estão em contato com a linguagem escrita através de livros, jornais, embalagens, cartazes, placa de ônibus e outros, estando imersas no conhecimento de materiais gráficos e das tecnologias, aprendendo a partir do intercâmbio social e segundo as suas próprias ações e cultura, elaborando assim hipóteses sobre a escrita. Sob esse viés observa-se a preocupação com novas práticas pedagógicas, que valorize o aluno, construindo com ele novos conhecimentos a partir de sua bagagem cultural e tecnológica, ou seja, uma pedagogia dos multiletramentos.

Durante a pesquisa percebeu-se que os multiletramentos, no olhar das professoras entrevistadas, é conhecido sobre uma óptica que abrange todo seu contexto, que ligue as mídias, as culturas, e o aprendizado da criança, pela minoria

das entrevistadas. Quando questionadas sobre os multiletramentos, observou-se que o termo é pouco conhecido pelas professoras, sendo facilmente confundido a apenas ao ato de alfabetizar e letrar com o uso das tecnologias, mas não consideram o que nos traz Rojo (2009), que é garantir que o ensino desenvolva as diferentes formas de uso das linguagens (verbal, corporal, plásticas, musical, gráficas, digital, etc.) e das línguas (falar em diversas variedades e línguas, ler, escrever), utilizando também os mais variados recursos tecnológicos e sempre voltado para a multiculturalidade e a análise crítica.

Percebe-se assim, que a grande parte das educadoras não estão atualizadas diante do contexto das diversidades culturais, linguagens e recursos tecnológicos. Para algumas existe as práticas em sala de aula, porém a educação deve ser modernizada.

Em relação a tecnologia, observou-se que todas as escolas em estudo possuíam ótimos recursos tecnológicos. Já no que se refere a formação dos professores, realmente deve-se haver uma melhoria, porém, aqui chegamos a uma questão importante, será que o professor deve ser passivo no recebimento da sua formação, ou deve buscar sempre novos conhecimentos?

Para responder a essa pergunta, necessitamos refletir sobre o papel do professor pesquisador, aquele que deve estar em constante estudo e sempre atualizado diante as novas maneiras de ministrar suas aulas. Já nos diz Moran (2007, p. 73) “educar numa sociedade em mudanças rápidas e profundas nos obriga a reaprender a ensinar e a aprender [...]”. Rojo e Moura (2002, p. 103), destacam que:

Encontrar exemplares da literatura na web hoje não é tarefa muito fácil – além da escassez de bibliografias sobre o tema -, porém os outros que são encontrados devem ser apresentados e explorados nas salas de aula por suas possibilidades multissemióticas e pelas surpresas que apresentam a cada capítulo ou a cada clique.

O papel do professor e do ambiente alfabetizador é introduzir a re-significação do aprender a ler e a escrever, priorizando e valorizando o universo que a criança está inserida. O que se percebeu-se nas escolas com as professoras entrevistadas é que muitas delas já estão abertas para as novas tecnologias e novas possibilidades de aprendizagem.

Rojo e Moura (2012) ao discorrer sobre os multiletramentos, a diversidade cultural e as linguagens na escola, aponta que muitos professores estão abertos a introduzir mais frequentemente as TICs em sala de aula, porém existe certa inquietação neste sentido. Rojo e Moura (2012, p. 31) revela sua visão, com apoio na pedagogia dos multiletramentos:

Sinto uma grande adesão dos docentes aos princípios que subjazem a esse tipo de concepção de educação. Nossos desafios não estão no embate com a reação, mas em como implementar uma proposta assim: a) o que fazer quanto à formação/remuneração/avaliação de professores; b) o que mudar (ou não) nos currículos e referenciais, na organização do tempo, do espaço e da divisão disciplinar escolar, na seriação, nas expectativas de aprendizagem ou descritores de 'desempenho', nos materiais e equipamentos disponíveis nas escolas e salas de aula. Mas esses gigantescos desafios parecem bem pequenos se de fato tivermos a adesão dos professores e alunos a essas ideias.

Na citação de Rojo e Moura sobre a Pedagogia dos Multiletramentos, evidencia-se que é necessário pensar, refletir, hipotetizar, testar e agir muito para implementar as práticas docentes em sala de aula. A escola e seus gestores precisam incentivar e apoiar os professores na participação de pesquisas, e aprimoramento profissional. Por sua vez, os professores necessitam estar abertos e desejosos por mudança e o principal, a fim de trabalhar significativamente para dar um novo rumo, ou proporcionar melhoramentos em suas práticas.

#### **4 CONCLUSÃO**

Podemos dizer que aulas enriquecidas pelo uso de recursos tecnológicos têm vida longa e podem ser adaptadas para vários tipos de alunos, para diferentes faixas etárias e diversos níveis de aprendizado. É importante, no entanto, que haja não apenas uma revolução tecnológica nas escolas. É necessária a revolução na capacitação docente, pois como nos mostra a pesquisa a tecnologia é algo ainda a ser desmistificada para a maioria dos professores.

Utilizar o computador em sala de aula é o menor dos desafios do professor: utilizar o computador de forma a tornar a aula mais envolvente, interativa e criativa é que parece realmente preocupante. O simples fato de transferir a tarefa do quadro-negro para o computador não muda uma aula. É fundamental que a metodologia

utilizada seja pensada fazendo o uso dos recursos tecnológicos que a atualidade oferece. O filme, a lousa interativa, o computador, etc., só terão validade se mantiver o objetivo principal: a aprendizagem dos alunos.

Entendemos diante das discussões atuais sobre os multiletramentos que se essa prática for desenvolvida em sala de aula pode contribuir para melhorar o desenvolvimento da leitura, da escrita e da compreensão dos textos pelos alunos.

Entendemos, através da pesquisa realizada, percebeu-se que a minoria das professoras apresenta um conhecimento realmente amplo sobre os multiletramentos, que abranja todas as suas especificidades. A utilização da tecnologia se encontra presente nas práticas pedagógicas da maioria dos professores, porém, a mesma aparece de maneira que apenas o professor a utiliza, deixando de contemplar as necessidades dos alunos, que os mesmos a explore.

## MULTILITERACIES ON LITERACY TEACHING

### ABSTRACT<sup>2</sup>

The development of technology has brought transformation to the current society, and consequently an evolution and change on knowing and relating within contemporary society. This study analyzes the issues involving multiliteracies on suburban and urban schools in Sinop municipality. The theoretical basis is a scientific literature review involving the authors Roxane Rojo and Eduardo Moura, Emília Ferreiro and Ana Teberosky, Paulo Freire and Magda Soares. In order to reach the goals of this study, observations in the schools and forms to be filled were performed. As a result, it is possible to perceive the lack of information about the related theme, which entails obsolete pedagogical practices.

**Keywords:** Multiliteracies. New technologies. Literacy.

### REFERÊNCIAS

---

<sup>2</sup> Resumo traduzido por Danilo Avancini Rodrigues, graduado pela Universitetet i Bergen (Bergen, Noruega). Professor de Inglês, nível de proficiência C1 no Common European Framework of Reference (CEFR) de acordo com o TOEFL iBT.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KLEIMAN, A. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: Cefiel MEC, 2005.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papiros, 2007.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. Campinas: Papyrus, 2000.

MORTATTI, Maria R. L. História dos métodos de alfabetização no Brasil. In: **Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate"**. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental; Secretaria de Educação Básica; Ministério da Educação, Brasília, 2006.

ROJO, R. **Letramento múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, M. A reinvenção da alfabetização. **Revista Presença Pedagógica**. v. 9, 2003.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VALENTE, J. A. (Org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: Nied, 2002.

Correspondência:

**Ana Paula Rocha**. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: anapaularocha12@hotmail.com

Recebido em: 23 de maio de 2017.

Aprovado em: 28 de junho de 2017.